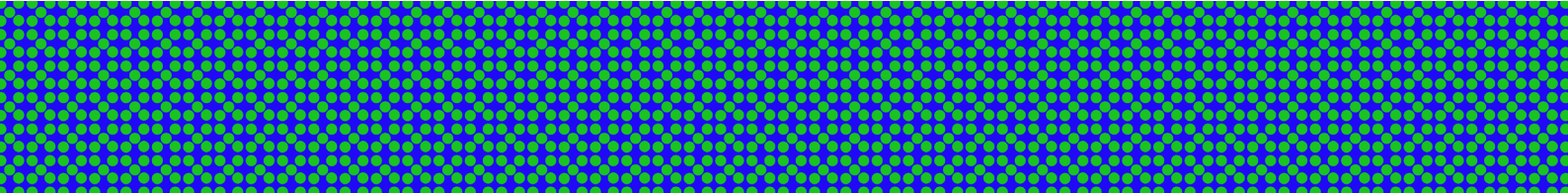


ENSAIOS



Um Leskov brasileiro

Aurora Bernardini¹

Universidade de São Paulo

A recente publicação pela Editora 34 do livro de contos *Um pequeno engano* do narrador russo Nikolai Leskov (1831-1895), muito amado por Górkí e por Tolstói e quase desconhecido no Brasil, e a publicação de *Dois contos e uns trocados* e *Quase poesia* (Edição do autor) de Dudu Melo Ribeiro, um advogado que se denominou quase-poeta, surpreende por uma feliz coincidência: um narrador parece a transposição do outro, do século XIX para o século XXI, da estepe russa para as terras brasileiras. Isso sob a óptica do admirável ensaio “O narrador” que o sempre atual e grande crítico literário Walter Benjamin dedicou a Nikolai Leskov. (BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.)

Benjamin, ao escrever o ensaio em 1936, lamentava o fato de o narrador haver-se tornado, no mundo ocidental, uma figura remota cuja obra se distancia cada vez mais, suplantada que é, de um lado, pelo romance e, de outro, pela informação, ou seja, pelos fatos que já nos chegam acompanhados de explicações “psicológicas” a serviço da informação. Vai então buscar no escritor-mascate russo Nikolai Semiónovitch Leskov o salvífico exemplo de um narrador por excelência e, nas suas obras, as características que definem o gênero e que serendipicamente serão encontradas também nesse novo autor brasileiro.

A primeira característica diz respeito à linguagem com seu ritmo, colorido e sobriedade que têm muito a ver com a oralidade, oralidade essa comum tanto a Nikolai Leskov quanto a Dudu Melo e quanto à admirável tradução de Noé Oliveira Policarpo Polli (o nosso Noé, professor aposentado de língua e literatura russa da USP, me informa Bruno Gomide, por eu desconhecer o longo sobrenome do tradutor). Vou comentar aqui algumas outras características comuns aos dois narradores, acompanhando o levantamento e os reparos do ensaio de Walter Benjamin.

A faculdade de intercambiar experiências, que passam de boca em boca, de pessoa para pessoa, vem logo em seguida. Com efeito, o narrador recolhe experiências e as transforma, com sua memória breve, na descrição de fatos de uma personagem, de uma

¹ Professora da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: bernaur2@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2559-7080>.

peregrinação, de uma viagem, de uma pequena comunidade etc., em experiência (e eventual “aconselhamento”) para o leitor, tal como costumava se fazer na tradição oral.

A rememoração do romancista, ao contrário, implica a reminiscência criadora que atinge seu objeto e o transforma. “O sujeito [o personagem] só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida na corrente vital de seu passado resumida na reminiscência)(...)A visão capaz de perceber essa unidade é a apreensão divinatória e intuitiva do ‘sentido da vida’ (...) (“O Narrador:” op. cit. p.212) Com efeito, o sentido da vida é o centro em torno do qual se movimenta o romance. Num caso, ‘o sentido da vida’, no outro, ‘a moral da história’ – essas duas palavras de ordem distinguem entre si o romance e a narrativa.

Quem viaja tem muito que contar – diz o povo – e, de fato, o narrador Leskov, a serviço de uma companhia comercial inglesa, viaja pelas diferentes regiões da Rússia onde conhece seus habitantes e suas particularidades. Dudu Melo, por nascimento, por estudo e por trabalho vai do interior de Minas e do interior de São Paulo para Brasília e para o Norte do Brasil. Daí decorre, entre outras, aquilo que Vladímir Nabókov encontrou em Gógol e chamou tão apropriadamente de “uma orgia de nomes”. Tantos, que inventados ou reais, em Leskov, levaram o tradutor a compor um apêndice de onomástica leskoviana que ele chamou, humoristicamente de “a prova dos nomes”. Lá vêm Ekaterina Lvovna, Izmaílov, Kapitolina, Olga, Ilári, Nikita, Póstnikov, Ovtserbyk, Vassíli, Bogoslóvski, Tchelnóvski, Serguei, Vavila, Svirídov, Nevstrúiev, Prokhor, Glafira, Múkhina, Borisláv, Borimir Vyssótski, Tcheburachka.... e por ali afora.

E Dudu Melo Ribeiro não deixa por menos. Entre as várias enumerações, está a relatada ficcionalmente por seu cachorro Arroba: “E, no dia 21 de dezembro de 1977 morre Zelândia, a filha mais velha de Altina, neta de Leopoldina, bisneta de capitão São Roque, tataraneta de Eliodora, irmão de Ármilon, Verana, Cely, Célia, Celina, Delma, Celeida, Marisa, Paulo Sérgio, Vera Lúcia, João Carlos, Ana Maria e Carlos Alberto, esposa de Maurides, mãe de Mauridinho, Maraísa, Maurício e Dudu, professora de vários adolescentes.” (*A vida comum no ventre da baleia*, Arroba e Dudu Melo Ribeiro, São Paulo: Edição do autor, p. 33)

Dudu Melo, personagem de si próprio, terá sido levado a repetir em vários momentos todos os nomes de seu parentado, nomes esses insólitos (tipicamente mineiros, diz o autor/narrador), a envolver-se por eles como por entes protetores, como o *domovói* russo, o ente protetor que Leskov faz suas personagens invocarem em seus contos. Proteção importante essa, para o russo/ velho ou novo-crente/tolstoiano e importante

para o brasileiro /português /africano /indígena, atualmente vítima de um processo que o privou da visão.

Tanto Leskov , quanto seu tradutor com seus tratamentos da linguagem e quanto o narrador Dudu Melo cultivam o humor. Este último, apesar da cegueira que o acometeu, tem a alegria de chamar seu cachorro de @ e dar o nome de Tucupi ao pato que o segue com afeto canino e que ele salvou de ser assado, comprando-o vivo numa feira e criando-o em sua casa, junto com a mulher e o filho.

Como Dudu é sua própria personagem, o humor de seus escritos é autocentrado. Vejamos aqui alguns exemplos.

*Eu comecei a escrever para me explicar,
Quando eu entendo o que eu me explico
Sinto um alívio, pois, se até eu entendi
Certamente alguém mais vai entender também.
(Quase Poesia, op. cit. p.77)*

Ou então:

*Anunciaram lá na China que o dinheiro já se acabou.
Por conta disso, o povo lá em Davos, começou a rezar.
Vão acabar com a lavanderia de minha família.
Com a offshore, com todos os tráficos
de todas as quadrilhas.
E a classe média já pensou que a corrupção também
iria se acabar,
ficou contente e exclamou pra todo mundo: não vou
mais sonegar!
E todo mundo suspirou, pois se pensava que o mundo
não valia a pena, mas qual o quê,
não é verdade, ele vale, sempre valeu, ele mais-valia!
Acreditei nessa conversa mole que o dinheiro ia se
acabar,
e já sonhava que com tal morte,
a sociedade pudesse melhorar; mas logo essa ideia*

*Não vingou,
pois o tal dinheiro só se transformou...
(Quase poesia, op.cit. p.72)*

E sobre a própria perda:

La luz de mis ojos

*Está escuro, não sei que horas da madrugada.
Há ruídos e silêncio, mais nada.
Não acendo a luz, não quero acordar ninguém.
A luz que procuro não brilha, não me brilha, não
ilumina, não ofusca, só clareia.
Quando não dá para saber se é noite ou se é dia, se
está claro ou escuro, a luz que procuro não clareia;
eu sinto seu calor na pele e na face e aí eu sei que
é dia.
Ando assim, no claro e no escuro, sem procurar a
luz, mas acho que ela me acha.
...
(Quase Poesia, op. cit. p. 103)*

Já o humor de Leskov se manifesta nos seus personagens através de vários procedimentos entre os quais estão os provérbios e os ditos. Esses ditos se originam em diversos acontecimentos, um dos quais é o que ele chamou de “a voz da natureza”, ou seja, uma espécie de agnose que se obtém menos pela voz humana quanto graças a um elemento *ex-machina*. Entre os vários momentos jocosos desse reconhecimento, no conto justamente intitulado “A voz da natureza”, o pequeno funcionário Filipp Filippovitch quer que um marechal de campo – que não lhe dá a menor importância, junto com o qual servira anos antes e que, viajando, passa por sua casa – o reconheça, não por suas palavras, mas, justamente, por essa voz da natureza. Pede à mulher que vá buscar sua corneta e, quando o marechal já estava indo embora, mal dado o primeiro sopro, o marechal cai em si e grita: “Pára! Já sei irmão, agora te reconheço! És o músico do regimento de caçadores! etc. etc. (“O Narrador:”, op. cit. p 218).

Outro procedimento – e esse em comum com Dudu Melo – é o uso dos ditos onde, cifrada em figuras engraçadas, pode-se descobrir o rastro daquela secular sabedoria popular, apanágio dos simples e dos justos, tipo: “O mujique fica um ano sem beber, mas é só o diabo oferecer, que ele bebe até mais não poder”. Já Dudu, muitas vezes, cria seus próprios ditos: “Conte ao menos até três, se precisar, conte outra vez”, ditos esses baseados em suas convicções aparentemente antinômicas, tipo: “Curioso é que, para conquistar mais autonomia, mais liberdade, crio regras”.

Assim conta ele como devem funcionar essas regras:

Tal qual uma droga de efeitos sedutores, a razão gera uma dependência que, se não for bem equilibrada, torna-se um vício. O tal desafio é este: estabelecer regras íntimas para ser independente, sem ficar dependente dessas regras.

Ter regras me dá autonomia, mas, sempre deve-se lembrar que as regras podem ser esquecidas em alguns momentos. Isso é bom!

Saber entender a razão, sem necessidade de ter razão. Isso é ótimo!

(Dois contos e uns trocados , op. cit. p.144)

Outro aspecto comum aos dois narradores diz respeito àquela que Benjamin chamou de “ímagem materna”. “Salvos, como nos contos de fadas, são os seres à frente do cortejo humano de Leskov: os justos. Pávlín, o cabeleireiro, o domador de ursos, a sentinela prestimosa - todos eles encarnando a sabedoria, a bondade, e o consolo do mundo, circundam o narrador. E incontestável é que são todos derivações da ‘ímagem materna.’ O justo é o porta-voz da criatura e ao mesmo tempo sua mais alta encarnação. Ele tem em Leskov traços maternos que às vezes atingem o plano mítico...” (“O Narrador:” *op. cit.* p.216)

Em Dudu Melo, também, a figura materna assume características marcantes:

*Ela declamava, fumava, ensinava, sempre ocupada,
às vezes distante, mas nunca ausente.*

*Ela só ficou mais forte, se entregou somente à morte. Ela era o norte,
o sol, a sorte.*

*Faz falta, mas distante,
nunca ausente.*

(Quase Poesia, op. cit, p. 40)

Ou então:

Quando criança queria ser astronauta, ir para o espaço. Enquanto esse sonho não se realizava minha mãe me levava, nas férias, ao planetário do Ibirapuera e me mostrava estrelas cadentes no céu de Santa Maria...Não me tornei astronauta, disseram-me que minha mãe virou estrela". (...) o tempo passou, minha mãe faleceu, desisti de ser astronauta, mesmo gostando de viver no mundo da lua, e o Planetário ficou longos anos fechado, aguardando reformas. Já pai, num feriado em que Tânia estava trabalhando, disse ao Francisco que tinha 3 ou 4 anos: Filho, hoje vamos fazer um passeio que eu fazia com sua vó Zelândia. E lá fomos nós ao Planetário. Repeti com ele o antigo roteiro e ia explicando como era que fazia com minha mãe. Já sentados nas poltronas para ver sessão, nas primeiras imagens Francisco me cutuca e diz, com a voz rouca que ele tinha: "Pai, estou com vontade de chorar." "Por que, filho?" "Se emocionei".
(Dois contos e uns trocados , op. cit. p. 175)

Moral da história (que não podia faltar):

Gracias a la vida

*É finito, acaba, se encerra, mas quando o corpo se
vai sob a terra,
segue na boca e na mente do filho, da filha a
vida vivida,
chorada,
contada, cantada, lembrada.
E assim, a vida que não é eterna se eterniza.*
(Quase Poesia, op. cit, p.103)